

Pioneiras

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/hqh1-2g11>

* Esse texto é uma versão modificada e ampliada de Pandolfi, D. C. (2016). Nise: os estudos, a militância, a prisão. In Hirszman, L. *Imagens do Inconsciente* (Livreto que acompanha o DVD). Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, pp. 25-33. Nos dois textos fiz uso de uma entrevista que realizei com Nise da Silveira em 1997 e que se encontra depositada no setor de História Oral do Cpdoc da Fundação Getúlio Vargas.

** Historiadora e pesquisadora.
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Universidade da Cidadania, 22010-000, Rio de Janeiro (RJ), Brasil
pandolfi.dulce@gmail.com



Encontros e Conversas com Nise da Silveira*

DULCE CHAVES PANDOLFI**

Conheci Nise em março de 1970. Ela com 65 anos, eu com 22, recém-chegada no Rio de Janeiro, vinda de Recife, cidade onde morava. O Brasil vivia desde 1964 um regime ditatorial e eu, opositora do regime, estava sendo procurada pela polícia. Naquele nosso primeiro encontro, fiquei impactada. Impactada com tudo: com ela, com Mário, com a casa, com o almoço, com Lord Byron, com Vivaldi, com Helena. Diferentemente do que eu imaginava, Nise me pareceu tímida e retraída. Muito baixinha, franzina, de voz fraca e olhar forte. Seu marido, o médico sanitarista Mário Magalhães, magérrimo, muito alto, muito expansivo, dominava a cena doméstica. Grande “gourmet”, era também grande cozinheiro. Para o almoço daquele domingo, Mário havia preparado duas das suas especialidades: peixada e pudim de laranja. Durante o almoço, os gatos Lord Byron, Vivaldi e Helena subiam na mesa e

circulavam, sem cerimônia, entre os pratos. Para mim, aquela circulação dos gatos era mais do que impactante. Era quase assustadora. O apartamento era pequeno e singelo: sala, cozinha e dois quartos. Tudo me parecia ao mesmo tempo simples e sofisticado. Na parede da sala havia um retrato da Nise pintado por Di Cavalcanti. Na verdade Mário e Nise tinham dois pequenos apartamentos no mesmo prédio, no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro: um em cima do outro. No de baixo, o casal morava. O de cima era o “gatil” – com cerca de 20 gatos –, e o local de estudo e trabalho da “doutora”, maneira como muitas vezes Mário se referia a Nise. Era no “gatil”, cercada de livros e de gatos por todos os lados, que ela passava a maior parte do tempo. “Os gatos são excelentes companheiros de estudo, eles amam o silêncio e cultivam a concentração”⁽¹⁾.

Mário e Nise eram primos legítimos e foram criados na cidade de Maceió, no Nordeste do Brasil, a terra natal de ambos. Considerado o principal mentor da corrente do pensamento sanitaria desenvolvimentista nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil, Mário foi também precursor da economia da saúde⁽²⁾. Muito irônico, com um raciocínio muito ágil, Mário era um crítico ferrenho de tudo o que considerava medíocre. Adorava uma polêmica. Ele e Nise eram muito diferentes, mas também muito afinados. Segundo Nise, “Mário tinha um temperamento muito forte, e eu também tinha meu temperamento. Ele era um socialista, sem dúvida. Tinha uma visão socialista do mundo – aí nós nos afinávamos bem –, e achava que o médico tinha a obrigação do trabalho social: o saneamento básico, a defesa contra as epidemias... Tanto que ele esteve na África, durante a guerra, por causa dessa malária braba que vinha nos aviões. Ele passou quase um ano na África”⁽³⁾. Posso dizer, sem medo de errar, que aquele casal, Nise e Mário, foi o mais especial que conheci ao longo da minha vida.

Pelo fascínio que Nise exercia em mim, em algumas ocasiões tentei fazer uma entrevista com ela. Historiadora, desde a segunda metade dos

1 Mello, L. C. (2014). *Nise da Silveira: caminho de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Editora Ltda, p. 288.

2 Escorel, S. (2015). Mário Magalhães: Desenvolvimento é Saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(8), 2453-2460.

3 Silveira, N. M. da. (1992). *Nise da Silveira* (depoimento). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h30min).

anos 1970 eu trabalhava na Fundação Getúlio Vargas, num centro de pesquisa voltado para a história do Brasil contemporâneo e que tinha um setor de História Oral. Nise resistia aos meus apelos. No entanto, anos mais tarde, em 1992 consegui gravar um depoimento, muito menor do que eu desejava. Ela estava com 87 anos e dependente de uma cadeira de rodas. Bastante debilitada fisicamente, continuava muito ativa intelectualmente. Ela dizia que não queria parar de sonhar nem de fazer projetos.

Nise nasceu em 1905, filha única de uma mãe pianista e de um pai jornalista e professor de matemática. Aos quinze anos, resolveu estudar medicina na cidade de Salvador, na Bahia, cerca de 600 quilômetros de Maceió. Ficou morando num pensionato. Era a única mulher da turma, no meio de mais de 150 rapazes, entre eles, seu primo Mário. Encarou essa convivência com naturalidade. Uma das dificuldades era não ter banheiro feminino na Faculdade. “Mulher era feito anjo, não mijava”⁽⁴⁾. O curso foi concluído em 1926. Dois anos depois, ela e Mário decidiram mudar para o Rio de Janeiro. Oficialmente só se casaram nos anos 1940.

No início dos anos 1930 Nise ingressou no Partido Comunista. A experiência “não foi muito boa, não, porque eu sempre tive muita dificuldade de me acomodar em organizações. Tanto que não fiz formação psicanalítica – tive oportunidade para isso –, não fiz, mesmo em Zurique, a formação junguiana, que era a corrente psicológica que eu adotava no meu trabalho. Talvez, por causa da minha vida de filha única, de menina rebelde, eu não me acomodava dentro dos esquemas do Partido Comunista. Diziam até que eu era muito rígida. Coisa que eu reconheço que eu sou, uma pessoa rígida, em qualquer trabalho que eu faça. Mas eu cheguei aqui no Rio, morei um período na clínica neurológica e, depois, passei a morar no próprio hospício. Então, os companheiros do Partido não aprovavam que eu me dedicasse tanto a esse concurso. E eu, então, estudava dia e noite e, naturalmente, faltava às reuniões. Acabaram me expulsando, acusada de trotskista. Mas eu não era trotskista”⁽⁵⁾.

Em 1935 Nise foi presa. Ficou no cárcere durante um ano e quatro meses. Nunca foi interrogada, nem processada. A única pessoa que a visitava era a amiga Zoila Teixeira, “que me visitava toda semana [...]. Mário dava

4 Idem.

5 Idem.

dinheiro para ela comprar frutas e outras coisas para mim. [...] Mário tinha conseguido um emprego. Se eu escrevesse, ele podia ser demitido”⁽⁶⁾.

A maior parte do tempo Nise ficou com várias mulheres em uma cela conhecida como a Sala 4. Entre elas Olga Benário, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, e Elise Berger, mulher do líder da Internacional Comunista Harry Berger. Ambas foram deportadas para a Alemanha. Segundo Nise, Elise “era uma revolucionária de carreira. Já tinha andado em várias partes do mundo. E o Berger, o marido dela, estava na Polícia Especial, onde sofreu até enlouquecer. E ela esteve também lá. [...] Ela então contava as torturas e mostrava as queimaduras nos seios. Toda queimada. [...] Eu nunca fui torturada, mas ouvir aquilo me atingiu muito. Porque, naquela ocasião, para mim, tudo isso era inimaginável. Eu não tinha formação revolucionária para aguentar ouvir aquilo”⁽⁷⁾.

Na prisão Nise leu muito. A prisão foi uma experiência decisiva para a sua vida. “Li Proust todo na cadeia. Eu li o teatro do Ibsen, literatura e filosofia de Hegel. [...] Uma vivência muito marcante, e fiquei com mania de liberdade. Eu já não era muito adaptada. Era revoltada com os padrões. Logo que saí da prisão, tomava um bonde ao acaso. Descia e tomava outro. Eu tinha o sentimento de poder fazer o que quisesse. Saí da prisão com esse sentimento”⁽⁸⁾.

Proibida de exercer a sua profissão, as suas distrações prediletas, além de andar de bonde, eram ler, estudar psiquiatria e frequentar livrarias. Era o período da ditadura de Getúlio Vargas. Ao saber por seu advogado que estava ameaçada de uma nova prisão, Nise de navio fugiu para a Bahia. Tempos depois foi para Manaus, onde Mário estava trabalhando como delegado federal de saúde. Nise ficou oito anos desempregada.

Em 1944, foi reintegrada ao Serviço Público. Por 28 anos, dirigiu o Setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, no bairro Engenho de Dentro, hoje Instituto Municipal Nise da Silveira. Crítica radical dos tratamentos utilizados pela psiquiatria tradicional, sobretudo a lobotomia e o eletrochoque, instalou uma seção de terapia ocupacional, onde os pacientes usavam diversas formas de expressão artísticas. Os internos do Pedro II, até então tratados de forma

6 Idem.

7 Idem.

8 Idem.

desumana, passaram a dispor de ateliês para realizar pintura, modelagem e escultura.

Em 1952 Nise criou o Museu de Imagens do Inconsciente, hoje conhecido internacionalmente. Seu acervo tem cerca de 350 mil documentos entre telas, desenhos, pinturas e modelagens, composto apenas pelas obras realizadas pelos pacientes. Além da arte terapia, Nise, ao perceber a afetividade que rolava entre os esquizofrênicos e os cães e gatos que perambulavam pelo pátio do hospital, iniciou uma espécie de terapia assistida por animais. Aqueles animais se tornaram quase seus co-terapeutas. Nadando contra a corrente, foi precursora da humanização nas terapias com pacientes diagnosticados como esquizofrênicos. “Aprendi muito com os loucos e isso vem atrapalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura. Mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo”⁽⁹⁾.

Referência mundial da luta antimanicomial, Nise autodenominava-se uma “psiquiatra rebelde”. Em 1956, juntamente com um grupo de amigos, criou a Casa das Palmeiras, uma clínica de reabilitação para doentes mentais em regime de externato, cujas portas e janelas eram completamente abertas. Mais uma vez, rompeu com os padrões das clínicas tradicionais.

Durante um tempo Nise manteve correspondência com o psiquiatra suíço Jung. Foi divulgadora da sua obra. Em 1957 se encontraram na Suíça, quando foi participar de um Congresso. Ali organizou a exposição “A Esquizofrenia em Imagens”, com obras do Museu. Com Jung buscava uma ajuda para interpretar melhor a produção artística dos seus pacientes. Aquela aproximação parece ter ajudado a decifrar alguns enigmas.

Na infância, enigmas já atordoavam Nise. “Desde muito cedo, eu estudava piano [...] e lá estava eu com a mão no teclado de um piano de cauda, os olhos na música, pondo o máximo de atenção, e minha mãe, andando pela casa, dizia: ‘Olha lá o fá susenido!’ E eu não podia compreender absolutamente isso. Foi o primeiro enigma que eu defrontei na minha vida: como eu estava com a mão em cima do teclado, os olhos fixos na música e errava e não sabia que tinha errado? E ela, flanando de um lado para outro, me dizia: ‘Olha o fá susenido!’ E eu não compreendia esse

9 Mello, L. C. (2014), p. 294.

fenômeno. Então isso foi, para mim, um problema muito grande, muito traumatizante”⁽¹⁰⁾.

Nise relata outro enigma que muito a marcou. Pequena, ouvia o avô recitar poemas. “Foi um dos primeiros enigmas da minha infância. O que eu guardei foram uns versos de Castro Alves: ‘Vai, Colombo, abre a cortina de minha eterna oficina e tira a América de lá’. Eu achava isso uma coisa extraordinária! Que oficina era essa que tinha a América?! Para mim, esse foi um enigma. Eu não podia compreender!”⁽¹¹⁾.

Apesar de tudo, Nise não se sentia uma grande quebradora de regras. “Eu não fui uma quebradora de regras tão grande assim. Quando eu nasci, a revolução já estava feita na minha casa. Tudo isso que sou, cabe muito mais a eles, meus pais, do que a mim. Era filha única e posso dizer que filha de dois artistas. Mãe pianista, tangenciando a genialidade. Meu pai era secretário do Jornal de Alagoas. Havia na minha casa um clima muito diferente da casa dos meus tios. Minha mãe era livre de preconceitos. Ela ia a um concerto, encantava-se e fazia amizade com os artistas e convidava para eles se hospedarem lá em casa. Foram pais extraordinários que eu tive na área da música, da arte, da poesia. Minha mãe não sabia fazer um café. Era uma pessoa que destoava completamente das mulheres da época. E meu pai aceitava bem o jeito dela porque esse também era o jeito dele”⁽¹²⁾.

Nise morreu em 30 de outubro de 1999, com 94 anos. Ficou quarenta dias internada num hospital público. Ela não tinha mais plano de saúde. Mário havia morrido treze anos antes. Em vida decidiram doar todos os bens, os dois apartamentos, para a empregada que trabalhava na casa deles. Um pouco antes de morrer, talvez em seu último escrito, enviou uma pequena carta para seu grande amigo Marco Lucchesi: “Estou muito doente, abandonada e tentando fazer amizade com a morte. Não é tão difícil”⁽¹³⁾. Embora dissesse que não tinha medo da morte, um dos seus medos era “não saber morrer como os gatos sabem. É isso que peço que eles me ensinem. Um gato, quando não quer saber de uma pessoa, levanta a cauda e sai. Não parece

10 Silveira, N. (1992).

11 Idem.

12 Idem.

13 Lucchesi, M. (2003). *Viagem à Florença: Cartas de Nise da Silveira a Marcos Lucchesi*. Rio de Janeiro: Rocco, p.113.

que esteja com emoção de raiva como eu fico às vezes. Desprezo. Sutileza completa. Eles são grandes mestres”⁽¹⁴⁾.

14 Santos, L. G. P. dos. (1994). Nise da Silveira (Entrevista). *Psicologia: Ciência e profissão*, 14(1), 3.